“Statecraft econômico” exposto: Um pilar central da guerra híbrida dos EUA para todos verem[1]

Jeffrey D. Sachs & Sybil Fares

John Maynard Keynes escreveu em As consequências econômicas da paz (1919) um famoso trecho que diz: “Não há meio mais sutil, nem mais seguro, de subverter as bases existentes da sociedade do que corromper a sua moeda. O processo mobiliza todas as forças ocultas da lei econômica em favor da destruição e o faz de uma maneira que não chega a ser diagnosticada nem por um em um milhão de homens.”

Os Estados Unidos dominaram essa arte da destruição ao transformar o dólar em arma e ao utilizar sanções econômicas e políticas financeiras para provocar o colapso das moedas dos países escolhidos como alvo. Em 19 de janeiro, publicamos “The US–Israel Hybrid War Against Iran” [A guerra híbrida dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã], no qual descrevemos como os Estados Unidos e Israel vêm travando guerras híbridas contra a Venezuela e o Irã por meio de uma estratégia coordenada de sanções econômicas, coerção financeira, operações cibernéticas, subversão política e guerra de informação. Essa guerra híbrida foi concebida para quebrar as moedas do Irã e da Venezuela, com o objetivo de provocar instabilidade interna e, em última instância, promover a mudança de regime.

Em 20 de janeiro, apenas um dia após a publicação do nosso artigo, o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, confirmou publicamente, sem qualquer ressalva, pedido de desculpas ou ambiguidade, que a nossa descrição corresponde, de fato, à política oficial dos Estados Unidos.

Em uma entrevista em Davos, o secretário Bessent explicou em detalhes como as sanções do Tesouro norte-americano foram deliberadamente planejadas para levar a moeda iraniana ao colapso, paralisar seu sistema bancário e empurrar a população do Irã para as ruas. Trata-se da campanha de “pressão máxima”, destinada a negar ao Irã o acesso aos financiamentos, ao comércio e aos sistemas de pagamento internacionais.

Bessent explicou: “O presidente Trump ordenou ao Tesouro e à OFAC, a nossa Agência de Controle de Ativos Estrangeiros, que aplicassem pressão máxima sobre o Irã. E isso funcionou, porque em dezembro a economia deles entrou em colapso. Vimos um grande banco quebrar; o banco central começou a imprimir dinheiro. Eles estão sofrendo escassez de dólares. Não conseguem fazer importações, e é por isso que as pessoas foram às ruas.”

1. Publicado originalmente em Common Dreams, em 24 de janeiro de 2026. Acesso: **https://www.commondreams.org/opinion/economic-statecraft** Tradução: Carolina Leocádio

Essa é a cadeia causal explícita pela qual as sanções dos EUA provocaram o colapso da moeda e a falência do sistema bancário. Essa instabilidade monetária levou à escassez de importações e ao sofrimento econômico, causando a agitação social. Bessent concluiu caracterizando as ações dos EUA como "statecraft econômico" e o colapso econômico do Irã como um desenvolvimento "positivo":

"Portanto, isso é statecraft econômico, sem um único tiro disparado, e as coisas estão avançando de forma muito positiva aqui."

O que o secretário Bessent descreve, evidentemente, não é "statecraft econômico" no sentido tradicional. Trata-se de uma guerra conduzida por meios econômicos, inteiramente planejada para produzir uma crise econômica e uma instabilidade social que levem à queda do governo. Ainda assim, isso é celebrado com orgulho como "statecraft econômico".

O sofrimento humano causado por guerras abertas e por sanções econômicas devastadoras não é tão diferente quanto se pode imaginar. O colapso econômico gera escassez de alimentos, medicamentos e combustíveis, além de destruir poupanças, aposentadorias, salários e serviços públicos. O colapso econômico deliberado empurra as pessoas para a pobreza, a desnutrição e a morte prematura, da mesma forma que a guerra aberta.

Esse padrão de sofrimento resultante das sanções dos EUA está bem documentado. Um estudo de referência publicado na The Lancet por Francisco Rodríguez e colaboradores mostra que as sanções estão significativamente associadas a aumentos acentuados da mortalidade, sendo os efeitos mais fortes observados no caso de sanções econômicas unilaterais impostas pelos Estados Unidos, com um número total de mortes comparável ao de conflitos armados.

Esse tipo de guerra econômica viola os princípios fundamentais do direito internacional e da Carta das Nações Unidas. Sanções unilaterais impostas fora da autoridade do Conselho de Segurança da ONU são ilegais, especialmente quando concebidas para causar sofrimento à população civil. A guerra híbrida não escapa ao direito internacional pelo simples fato de evitar bombardeios (embora os EUA e Israel também tenham bombardeado o Irã ilegalmente, é claro). A ilegalidade do chamado "statecraft econômico" dos EUA aplica-se não apenas ao Irã e à Venezuela, mas a dezenas de outros países prejudicados pelas sanções norte-americanas.

A Europa talvez tenha começado a perceber que ser cúmplice dos crimes econômicos dos Estados Unidos não é garantia de salvação alguma, já que o governo Trump agora se volta contra a própria Europa igualmente, ainda que por meio de tarifas, e não de sanções. Trump ameaçou impor tarifas à Europa por não entregar a Groenlândia aos EUA, embora tenha recuado dessa ameaça, ao menos temporariamente. Quando Trump "convidou" a França para integrar o Conselho de Paz de Trump, ameaçou impor uma tarifa de 200% sobre o vinho francês caso a França recusasse o convite. E assim por diante.

Os Estados Unidos conseguem travar esse tipo de guerra econômica abrangente porque o dólar é a principal moeda do sistema financeiro mundial. Se países terceiros não cumprem as sanções dos EUA contra o Irã e a Venezuela, Washington ameaça impor sanções aos bancos desses países terceiros, especificamente para excluí-los dos sistemas de compensação baseados no dólar (conhecidos como sistema SWIFT). Dessa forma, os EUA fazem cumprir suas sanções contra países que estariam dispostos a continuar mantendo relações comerciais com aqueles que os Estados Unidos tentam levar ao colapso econômico.

Embora as sanções dos EUA funcionem no curto prazo para gerar pobreza e sofrimento, seu uso incessante vem rapidamente incentivando outras economias a se desvincularem do estrangulamento financeiro imposto pelos Estados Unidos. Os países do BRICS, entre muitos outros, estão ampliando o comércio internacional em suas próprias moedas, construindo alternativas ao uso do dólar norte-americano e, assim, evitando tais sanções. A capacidade dos EUA de impor sanções financeiras e comerciais a outros países deve diminuir em breve, e provavelmente sofrerá uma queda acentuada nos próximos anos.

Já passou da hora de as nações do mundo todo confrontarem o comportamento econômico criminoso dos Estados Unidos. Os EUA vêm travando uma guerra econômica cada vez mais intensa, o tempo todo se referindo a ela como "statecraft econômico". Esse desrespeito às normas é ilegal, imprudente, prejudicial, desestabilizador e, em última instância, ineficaz para alcançar os próprios objetivos dos EUA, que dirá para as metas mundiais. Até agora a Europa vinha fazendo vista grossa para isso. Talvez, agora que ela também se encontra sob ameaça, desperte e se una ao restante do mundo para pôr fim ao comportamento descarado e ilegal dos Estados Unidos.